

O Caso Mauthner: O *Tractatus*, o Círculo Kraus e a Significatividade da Negação

Mauro Luiz Engelmann

UFMG – CNPq

Es gibt kein Andenken Ferdinand Kürnberger's! (Karl Kraus, Aus dem dunkelsten Österreich)

Wenn einer, so hätte man denken sollen, heute schweigen müßte, dann der Herr Mauthner. (Theodor Haecker, Der Krieg und die Führer des Geistes).

INTRODUÇÃO

Sluga (2004), talvez por desconsiderar o contexto cultural vienense, aproxima Wittgenstein de Mauthner a ponto de considerá-lo um cético mais ou menos pirrônico. Na contramão, Nordman pensa que a filosofia do *Tractatus* difere profundamente daquela de Mauthner, particularmente por ser *anticética* (2005: 117-120).¹ Comparações entre as filosofias de Wittgenstein e Mauthner têm por base palavras utilizadas por ambos, como ‘tautologia’ – Haller (1988). De fato, algumas outras palavras usadas por ambos, como ‘escada’, ‘inexpressável’, ‘silêncio’ e ‘misticismo’, podem também parecer relevantes. Contudo, palavras, vale lembrar, não carregam consigo o significado independentemente de seu contexto de uso (TLP: 3.3). É óbvio, por exemplo, que, em termos tractarianos, Mauthner não saberia por que sentenças da lógica seriam tautologias (na seção 2 tratarei de ‘silêncio’ e ‘inexpressável’). Mesmo que o estudo sobre coincidências de palavras em Wittgenstein e Mauthner tenha sido inaugurado provavelmente por Janik e Toulmin no trabalho clássico *Wittgenstein's Vienna* (1973), eles apresentam, comparativamente, a história mais consistente e detalhada sobre a relevância de Mauthner para o *Tractatus* a partir do amplo contexto cultural vienense.² Nesse contexto, argumentam, as filoso-

1 Sobre Wittgenstein e ceticismo no *Tractatus*, ver capítulo 4 de Engelmann (2021a). Sobre aquilo que normalmente conta como enormes diferenças teóricas entre Mauthner e Wittgenstein, ver Silva (2014). A meu ver, a questão sobre supostas diferenças e proximidades nem mesmo se coloca, pois, como tentarei mostrar, o ponto a ser considerado é outro.

2 Exceto por indicar que Wittgenstein nega a crítica da linguagem de Mauthner e aceita aquela de Russell, Klagge (2022: 85, 108) silencia a respeito de Mauthner. Isso parece indicar que pensa que nada há a ser acrescentado à explicação de Janik and Toulmin. Em estudos sobre Mauthner, a leitura de Janik e Toulmin é tomada como óbvia em certas ocasiões, pois eles apresentam convincentemente o contexto histórico da cultura austríaca e atribuem papel determinante a Mauthner – ver, por exemplo, Pisano (2016, 99). Sobre a relevância histórica da leitura de Janik e Toulmin e como ela se encaixa no debate atual das interpretações do *Tractatus*, precisamos considerar, por exemplo, que a ideia segundo a qual “devemos

fias de Wittgenstein e Mauthner são distintas, mas ambas respondem a um problema vienense comum que Mauthner teria formulado com clareza: a distinção entre fatos e valor. Esta história merece ser reexaminada, uma vez que o trabalho é clássico em estudos sobre Wittgenstein e não é plausível negar, como veremos, que o contexto cultural vienense seja relevante para a compreensão do *Tractatus*.³

A partir da elucidação contextual, a ser detalhada neste artigo, proponho uma mudança de perspectiva na explicação da referência a Mauthner no *Tractatus*. A pergunta a ser feita não é “Quais seriam as semelhanças ou grandes diferenças entre os projetos de Mauthner e do *Tractatus*?”, mas “Por que Wittgenstein se deu ao trabalho de negar que sua *Sprachkritik* poderia ter alguma relação com Mauthner?”. Argumento que a significatividade dessa negação não está em um problema comum para o qual Mauthner e Wittgenstein teriam suas respostas, como pensavam Janik e Toulmin, mas que a negação deve ser esclarecida no contexto do que chamo “Círculo Kraus”, no qual Mauthner figurava como um representante da superficialidade moral da Europa no início do século XX.

1. ERA UMA VEZ NA ÁUSTRIA: O CÍRCULO KRAUS

Wittgenstein menciona Mauthner uma única vez:

Toda filosofia é ‘crítica da linguagem’. (Todavia, não no sentido de Mauthner.) O mérito de Russell é ter mostrado que a forma lógica aparente da proposição pode não ser sua forma lógica real. (TLP: 4.0031)

Vemos, imediatamente, que a observação em que Mauthner é mencionado é curta, parentética e negativa, indicando que ‘crítica da linguagem’ pode significar coisas muito distintas. Mauthner era um jornalista que, no auge de sua carreira, escrevia para o *feuilleton* do jornal *Berliner Tageblatt*. Afora isso, escreveu obra literária e filosófica, sendo autor de vários longos livros de filosofia que tratavam de variados temas a partir de sua *Sprachkritik* (crítica da linguagem). Assim, a referência destoa das demais feitas no *Tractatus*, uma vez que Mauthner pode ser visto como um dileteante em filosofia. Destoa, também, da linha argumentativa do livro. A *Sprachkritik* de Mauthner não é caracterizada por Wittgenstein, tampouco mencionada em outra sentença do *Tractatus* ou mesmo nos diários e cartas. Ademais, considerando que 4.0031 elucida, a partir de Russell, que “questões e proposições dos filósofos provêm de não entendermos a lógica de nossa linguagem (*Sprachlogik*)” (TLP: 4.003), a excentricidade da menção fica ainda mais evidente, pois Mauthner nem mesmo tinha conhecimento da nova lógica ou das obras de Russell e Frege, apesar de ter dedicado parte de seus longos livros filosóficos à “lógica formal”. Um leitor de Frege e Russell, se conhecesse Mauthner, não consideraria a *Sprachkritik*

entender o autor do *Tractatus* em vez de suas sentenças”, um ponto central da leitura “resoluta”, tem sua origem em Janik e Toulmin (ver Engelmann 2021a). Este artigo – assim como Engelmann (2022), (2016) e (2021b) – complementam minha interpretação em (2021a)

- 3 No Brasil, a chave de leitura de Janik e Toulmin aparece em *Iniciação ao Silêncio* (1998), o livro mais sistemático e detalhado sobre a filosofia do *Tractatus* publicado em língua portuguesa. Margutti Pinto assume que “a análise de Janik e Toulmin sobre a Viena de Wittgenstein está correta” (1998: 107, nota 16). Ocorre que, anos depois de sua publicação, o próprio Janik é parcialmente crítico em relação ao livro, pois percebe o tratamento inadequado que havia dado a Weininger, talvez a figura cultural central daquilo que seria uma ‘Viena de Wittgenstein’: “o que se segue deve ser visto como uma crítica a *Wittgenstein’s Vienna*, pois hoje é claro para mim, o que não era o caso quando escrevemos o livro, que Weininger representava a expressão filosófica da crítica social e cultural praticada por figuras como Karl Kraus e Arnold Schönberg...” (Janik, 1985: 80). Quanto a isso, Janik tem razão. Contudo, tentarei mostrar que o papel que Janik e Toulmin atribuem a Mauthner é incorreto.

relevante e não a confundiria com a crítica da linguagem derivada de Russell. Para tal leitor, nada se perderia com a supressão da observação. Não se estranha, portanto, o fato de a observação ser parentética e curta. Mas por que negativa?

Apesar de explicitamente negar qualquer relação com a *Sprachkritik* de Mauthner na passagem citada acima, o fato de Wittgenstein mencioná-lo, mesmo que parenteticamente, despertou o interesse de Janik e Toulmin, que pensavam poder reinterpretar a filosofia do *Tractatus* a partir de elementos culturais germânicos, em especial aqueles relacionados ao contexto cultural vienense. Esses elementos passaram a constituir uma espécie de novo pano de fundo da interpretação do *Tractatus* após a publicação do *Memoir* de Paul Engelmann (1967), que inspirou a interpretação de Janik e Toulmin (1973). A *Memoir*, sem dúvida, introduz uma série de observações relevantes a respeito do meio cultural de Wittgenstein e de suas posições em relação à “nossa época”. Afora isso, apresenta Wittgenstein como um filósofo com interesses e propósitos aparentemente muito distintos daqueles que se esperaria de alguém próximo a Frege, Russell e ao positivismo lógico, como religião e cultura. Contudo, por pensar que o *Tractatus* havia sido interpretado erroneamente, Paul Engelmann defendeu uma nova chave de leitura da obra. Argumentou que o propósito real do livro não seria em nada “positivista”, mas o de mostrar que aquilo que realmente tem valor (o bom e o belo) existe, mesmo que não possa ser dito por supostamente estar para além de fatos e figurações de fatos.

Paul Engelmann fazia parte do que chamo “Círculo Kraus”.⁴ Ajudou Kraus, por exemplo, a coletar disparates sobre a Primeira Guerra Mundial publicados na imprensa que foram utilizados na obra *Os Últimos Dias da Humanidade*. Esse vínculo é relevante porque Karl Kraus é uma influência confessa de Wittgenstein ao lado do exótico Oswald Spengler e dos típicos vienenses Otto Weininger e Adolf Loos (Wittgenstein, 1984: 19).⁵ Figura conhecida na Viena do início do século XX por suas constantes críticas à hipocrisia e faltas éticas na imprensa e nos meios artísticos, universitários e políticos, Kraus ocupava uma posição ímpar como uma espécie de consciência ética de Viena. Seus escritos em *Die Fackel* e suas leituras públicas visavam desnudar desde constantes deslizes morais de jornalistas e donos da imprensa, hipocrisias do sistema judiciário (por exemplo, nos casos de prostituição), até transações consideradas pouco claras na bolsa de valores, onde um de seus alvos foi o pai de Wittgenstein (Kraus, 1899: 10). Tratava-se de desafiar a falta de valores de uma sociedade em declínio e resgatar ideias de comprometimento ético e respeito pela verdade. Com uma ironia ácida e um domínio ímpar da língua alemã, Kraus trazia à luz todos os graves defeitos morais da cultura vigente, desnudando o próprio uso da linguagem na imprensa. Sua presença torna-se de tal modo incômoda após alguns anos de existência da *Die Fackel*, que em certos meios jornalísticos – por exemplo, o mais famoso jornal vienense, o *Die Neue Freie Presse* – seu nome não era mencionado propositalmente. Desse modo, Kraus era silenciado (*totgeschwiegen*), uma espécie de silêncio de morte, na tentativa de torná-lo irrelevante. Como veremos mais adiante, ‘silenciar’ torna-se palavra comum no contexto cultural vienense, mas não nos termos da *Neue Freie Presse*.

4 O Círculo Kraus não tem limites claramente definidos, mas deve incluir colaboradores de *Die Fackel* e *Der Brenner*. Entre esses, encontram-se George Trakl, Adolf Loos, Rainer Maria Rilke, August Strindberg e Hermann Bloch, entre outros. De forma ainda mais estendida, poderíamos pensar em uma lista de admiradores de Kraus. Neste caso, Arnold Schönberg precisaria ser mencionado. A respeito de Schönberg e, de modo geral, o “modernismo crítico”, ver cap. 1 de Janik (2017). Sobre a cultura vienense no início do século XX, ver Schorske (1981). *Die Fackel* e *Der Brenner* estão disponíveis em versões gratuitas online: <https://fackel.oeaw.ac.at/> e <https://brenner.oeaw.ac.at/>.

5 Tratarei de Loos logo a seguir e de Weininger na próxima seção. A respeito de Spengler, ver Engelmann (2016) ou (2021b).

A partir de 1910, o Círculo Kraus teve uma nova voz na revista *Der Brenner*, editada por Ludwig von Ficker em Innsbruck. *Der Brenner* seguia Kraus em sua cruzada contra a decadência moral da Áustria moderna com um enfoque cultural semelhante, mas não idêntico. A particularidade da revista de Ficker estava no seu crescente envolvimento com questões religiosas, a partir de 1913, tratadas como pilares da sua crítica cultural, principalmente nos textos de Carl Dallago e Theodor Haecker. Por ter lido Kraus elogiar a *Der Brenner* em *Die Fackel*, Wittgenstein ajuda financeiramente a revista e escolhe a Ficker para distribuir generosas somas a escritores e artistas em 1914 (Ficker, 1986: 231, 233).⁶ Tornam-se amigos e se encontram alguns meses antes do início da Primeira Guerra Mundial (Ficker, 1988: 11).

Der Brenner era, desde seu início, uma revista krausiana, mas consolida-se como uma espécie de base de apoio por volta de 1913, após a publicação de *Rundfrage über Karl Kraus*, um pequeno livro editado por Ficker com depoimentos sobre Kraus inicialmente publicados em diversos números da revista no mesmo ano (contribuíram Frank Wedekind, Thomas Mann, Arnold Schönberg, Oskar Kochochka, Georg Trakl, Adolf Loos, Stephan Zweig, entre outros). É através de Ficker que Wittgenstein conhece o arquiteto Loos em julho de 1914 e é através de Loos que, em 1916, conhece o também arquiteto Paul Engelmann, pois este estudara com Loos (Ficker, 1988: 10, 11; P. Engelmann, 1968: 63).

A relevância de Loos no Círculo Kraus é evidente neste famoso aforismo, um excelente exemplo do espírito krausiano:

Adolf Loos e eu – ele literalmente (*wörtlich*), eu linguisticamente (*sprachlich*) – não fizemos nada além de mostrar que há uma diferença entre uma urna funerária e um penico, e que é somente nessa diferença que a cultura tem espaço. Os outros, contudo, os positivos, dividem-se entre aqueles que se utilizam da urna como penico e aqueles que se utilizam do penico como urna. (Kraus, 1913: 37)

Adolf Loos publicou textos curtos na *Die Fackel* e *Der Brenner*. Foi certamente influente, entre outras razões, pelo seu ataque ao uso de ‘ornamentos’ vazios de significado na arquitetura, na decoração de interiores e no artesanato da época.⁷ Essa é uma ideia relevante presente na casa que Wittgenstein planejou para sua irmã, juntamente com Paul Engelmann, na década de 1920.⁸ A meu ver, a influência de Loos é ainda mais interessante no caso da construção da pequena casa de Wittgenstein em um fiorde nas proximidades de Skjolden, Noruega, que expressa a ideia central de Loos de simplicidade e harmonia no seu artigo *Regras para quem Constrói nas Montanhas* (1913) – artigo que, vale dizer, é sistematicamente “esquecido” em estudos wittgensteinianos.⁹ Afora isso, de modo geral, a questão de fundo da obra de Loos, na escrita e na prática, revela algo muito relevante para alguém descontente com a “nossa época” como Wittgenstein: como agir no mundo moderno. Descontentes com a modernidade não podem

6 *Der Brenner* tem divulgação frequente na *Die Fackel* a partir de 1911 e Kraus é certamente o exemplo a ser seguido na revista. Ficker torna-se amigo de Kraus; os demais colaboradores, admiradores. Theodor Haecker, pode-se dizer, é um imitador de Kraus.

7 Isso colocava Loos na oposição ao classicismo vienense, mas, também, na contramão do modernismo da Secessão, *Art Nouveau*. Loos é um moderno antimodernista para os padrões vienenses. Na mesma direção estava Kraus, crítico constante do jornalismo modernista de Hermann Bahr, colaborador da Secessão vienense. É dessa linhagem antimodernista que surge a obra de Arnold Schönberg. O modernismo vienense se diz de modos muito diversos.

8 Wijdeveld (2000) apresenta o trabalho arquitetônico de Wittgenstein em detalhes.

9 Hyman (2016, 206), por exemplo localiza a influência de Loos em aulas de 1938, em algumas observações escritas e na casa construída com Paul Engelmann. A lista deveria incluir a casa ou cabana na Noruega, pensada e construída no período de maior influência de Loos.

simplesmente ignorar as novidades da época. De um lado, isso não seria autêntico, decente, pois revelaria ignorância voluntária. De outro, seria pouco inteligente, pois o uso de materiais modernos pode ser muito útil (Loos, 1913b). A ideia de Loos era encontrar um modo de expressão moderno, mas sem os vícios da modernidade, que possibilitasse, inclusive, a denúncia dos mesmos e sua superação. Wittgenstein, pode-se pensar, encontra na solução de problemas da lógica moderna um modo de expressão próprio por meio do qual consegue apresentar sua própria *Weltanschauung*. Sendo assim, Loos pode ter influenciado Wittgenstein de modo mais profundo (não somente na arquitetura em sentido estrito).

A proximidade de Wittgenstein com Loos e Ficker, articuladores centrais no Círculo e aliados de Kraus, parece indicar que as ideias de Paul Engelmann sobre o *Tractatus* são, portanto, triplamente relevantes, dada sua amizade com Kraus, Loos e Wittgenstein. Presumo que por alguma razão dessa natureza, Janik e Toulmin consideraram sua interpretação do *Tractatus* correta e decidiram expandi-la a partir da menção feita a Mauthner.

Janik e Toulmin reconstróem a Viena de Wittgenstein, suas disputas culturais, políticas e filosóficas, para argumentar que Wittgenstein era primordialmente um autor austríaco, com interesses e propósitos muito distintos de Frege, Russell e “positivistas”.¹⁰ A partir de uma carta de Wittgenstein a Ficker, na qual diz que o *Tractatus* tem “um sentido ético”, expresso mais claramente em seu prefácio e no seu final, argumentam que esse sentido indicaria que o livro deveria ser lido como um exercício de humor satírico krausiano usado para supostamente demonstrar que o sentido ético do mundo estaria para além dos fatos e da argumentação científica e filosófica.¹¹ A base da argumentação é retirada da aproximação feita entre o *Tractatus* e as obras de Kierkegaard, autor que supostamente queria convencer seus leitores de que a ética cristã exigiria um “salto” no paradoxo. Isto é, tais valores éticos seriam inalcançáveis à razão humana empregada no conhecimento e na dúvida, mas alcançáveis como “verdade subjetiva”. Esse caráter paradoxal seria, nessa interpretação, central ao *Tractatus*. Janik e Toulmin apresentam Kraus como um intermediário entre Wittgenstein e Kierkegaard, pois aos olhos de escritores no *Der Brenner* haveria uma proximidade entre ambos (1973: 178-9).¹² De fato, essa aproximação é explicitamente feita na revista em um texto de Haecker (1913: 57-8).

Entre as diversas particularidades e excentricidades vienenses descritas por Janik e Toulmin para expandir o ponto de vista de Paul Engelmann, encontra-se Mauthner – observe-se, contudo, que Paul Engelmann *não* o menciona no *Memoir*. Janik e Toulmin apresentam-no como a figura central na determinação crítica dos limites da linguagem e, assim, como o filósofo que teria introduzido explicitamente o ponto determinante daquilo que seria o objetivo central do *Tractatus*. Evidentemente, sabem que Wittgenstein nega que aquilo que está fazendo seja crítica da linguagem nos termos de Mauthner, como é óbvio em TLP 4.0031 (citado acima). Todavia, em lugar de analisar a negação em TLP 4.0031 a partir do papel de Mauthner no contexto vienense, particularmente no Círculo Kraus, tratam de indicar uma suposta proximidade entre Mauthner e Wittgenstein que pensam encontrar em *Kritik der Sprache I-III* (Crítica da Linguagem, Volumes I-III), de 1903-4, *Die Sprache* (A Linguagem), de 1906, e *Wörterbuch der Philosophie* (Dicionário da Filosofia), de 1910. Supõem que a filosofia de Mauthner daria suporte a uma “posição ética fundamental” que consistiria na distinção entre fatos e valores e seria a base do “misticismo” do *Tractatus*, derivado de Kierkegaard e Tolstói (Janik e Toulmin, 1973:

10 Sobre Wittgenstein e o positivismo lógico, ver Engelmann (2013) e (2018b).

11 A famosa carta aparece pela primeira vez em Paul Engelmann (1968: 143-4) e foi traduzida para o português em Margutti Pinto (1998: 298).

12 Sobre alguns pontos relevantes a respeito de Kierkegaard e o *Tractatus*, ver Engelmann (2018a), (2021a) e (2022).

165, 168).¹³ Para Janik e Toulmin, a crítica da linguagem de Mauthner teria o defeito de estabelecer os limites da linguagem e a separação entre fatos e valores “externamente”, com uma problemática base empirista, quando seria desejável uma fundamentação “interna”. Teria sido o objetivo do *Tractatus* encontrar uma alternativa “interna” (1973: 165-6). Disso tudo, depreende-se que Wittgenstein teria negado o sentido mauthneriano de ‘Sprachkritik’ porque nos levaria a conclusões corretas por intermédio de uma teoria possivelmente equivocada (“externa”). Assim, uma “crítica da linguagem de um novo tipo”, uma nova teoria da figuração (“interna”), teria sido empregada por Wittgenstein (1973: 181). Nessa interpretação, o problema vienense da separação entre valores e fatos seria o problema de Wittgenstein no *Tractatus*. Sendo assim, o propósito do livro, desde sempre ético, teria sido estabelecido muito antes de Wittgenstein conhecer Frege e Russell (1973: 167).

Contudo, em nenhum escrito de Wittgenstein evidencia-se que o suposto problema vienense tenha sido pensado como o problema fundamental do *Tractatus*. Nada a respeito é afirmado no texto do livro ou nos diários e cartas, incluindo-se a famosa carta a Ficker. Também não há qualquer referência à suposta “solução” mauthneriana de qualquer problema. De fato, a referência a Mauthner em 4.0031 pode ter sido feita sem a leitura detalhada de suas obras, pois, como veremos abaixo, sua infâmia o precedia. Tampouco há evidência de que Wittgenstein tenha lido Kierkegaard sistematicamente antes de concluir o *Tractatus*, diferentemente do que sugerem Janik e Toulmin.¹⁴ O mais provável é que, antes de 1918, tenha lido somente pequenos textos de Kierkegaard, traduzidos e publicados por Haecker na *Brenner* (trechos de *A Presente Época*, *Prefácios* e o sermão *A Estaca na Carne*). É no final de 1917 que Wittgenstein pede livros de Kierkegaard à sua irmã, Hermine, que acaba por fazer uma compra aleatória de obras de Kierkegaard para enviá-las a Wittgenstein (Wittgenstein, 2018: 75). Nessa época, de qualquer modo, Wittgenstein já havia escrito versões preliminares do *Tractatus*. Portanto, é pouco plausível que um problema supostamente vienense derivado de Kierkegaard tenha guiado a criação do *Tractatus* antes de 1913, assim como é pouco plausível que Wittgenstein tenha encontrado o problema central do *Tractatus* na obra de Mauthner, se tal problema é mesmo a separação de fatos e valores.

Na verdade, a própria ideia de que a filosofia de Mauthner daria suporte à separação de fatos e valores, nos termos de Janik e Toulmin, e de que o sentido da vida seria algo “místico” e não algo a ser justificado “intelectualmente”, não parece correta. Não era essa a intenção do próprio Mauthner. Poderia ser, contudo, uma consequência de sua filosofia? Deixando de lado a possibilidade de que tenhamos em Mauthner um caso em que de um conjunto inconsistente de sentenças segue-se trivialmente qualquer sentença, o fato é que o valor ético não tem espaço em sua filosofia. Sua filosofia, poderíamos chamar de ceticismo linguístico, sendo seus raciocínios os de um sofista moderno. Como, para Mauthner, a linguagem é uma espécie de falsificação da verdade, parece se seguir que mentir, por exemplo, seria apenas um pequeno e irrelevante acréscimo na falsificação. Segundo Mauthner, censurá-lo por imoralidade, contudo, dada essa consequência do seu sistema, seria uma espécie de erro categorial, algo como querer censurar um diamante por ser duro ou imoral (1901: 84). Afora isso, em seu *Dicionário da Filosofia*, um dos principais alvos era precisamente o “místico”, ligado ao que chamava “pseudoconceitos” (Mauthner, 1910: xcv). A partir de uma mistura de Locke, Hume, Schopenhauer, Kant e Mach, a filosofia de Mauthner consiste em um ceticismo de tipo linguístico: nada conhecemos através da linguagem. A linguagem faz referência última a fenômenos, e nada mais, mas é sempre metafórica, pensava Mauthner. Por isso, não podemos conhecer a realidade por seu intermédio.

13 Não tratarei de Tolstói neste texto. Sobre o mesmo, ver Engelmann (2021b).

14 Ver Engelmann (2022).

Palavras ordinárias como ‘cavalo’, que fazem referência a objetos, contudo, tem pelo menos modos de verificação a partir dos seus efeitos, enquanto que pseudoconceitos ligados à religião são meras representações sem referência (Mauthner, 1910: xcv). É missão da *Sprachkritik* “a destruição de pseudoconceitos” (1910: xcv). A crítica da linguagem, segundo Mauthner, nos livraria do “poder psicológico” desses conceitos e do “perigo do místico” (1910: xcvi). O ceticismo linguístico, portanto, guarda alguma semelhança com o empirismo verificacionista do Círculo de Viena (ver, por exemplo, Carnap 1928). Nesses termos, podemos falar do caráter ‘positivista’ da filosofia de Mauthner, mesmo que sua empreitada seja sofista e, se consistente, cética. Esse era o sentido da *Sprachkritik* de Mauthner. Portanto, um projeto que tivesse como objetivo separar fatos e valores ou fatos e o “místico” não é facilmente derivado dessa filosofia.

2. O CÍRCULO KRAUS, KÜRNBERGER E O *TRACTATUS*

Para compreendermos a relevância da negação na passagem parentética sobre a *Sprachkritik* de Mauthner no *Tractatus*, trataremos de girar o foco da investigação. A pergunta a ser feita é: quem, e por qual razão, poderia pensar que o *Tractatus* em sua *Sprachlogik* e *Sprachkritik* poderia ter alguma relação com Mauthner, a ponto de se fazer necessário *negar* tal possibilidade? Contrariamente à sugestão de Janik e Toulmin, Mauthner não era um filósofo que, aos olhos de seus contemporâneos, apresentava o problema por todos debatido e, menos ainda, uma possível solução. Antes, era uma figura que representava o oposto daquilo que participantes do Círculo Kraus queriam, sendo visto como alguém que não entendia o problema do mundo moderno e que era, ele próprio, parte do problema. Sua *Sprachkritik* era mero reflexo disso.

Este ponto é particularmente relevante, porque Wittgenstein pensava que o *Tractatus* poderia ser lido também no Círculo Kraus. Isso se percebe na saga da publicação do *Tractatus* e na primeira página do livro, i.e., na epígrafe, onde é citado Kürnberger. Inicialmente, Wittgenstein tentou publicar o *Tractatus* nas editoras mais relevantes para o Círculo Kraus, mas não obteve sucesso porque seu livro não se enquadrava nos padrões delas. A publicação foi negada “por razões técnicas” pela Jahoda, a editora de Kraus (Engelmann, 1968: 14). Depois, Ficker indicou que não poderia publicar o livro na *Brenner* por conta da sua difícil situação financeira (Ficker, 1988: 189-198).¹⁵ É por conta do alto risco da publicação que Ficker pede a ajuda de Rilke, mas isso também acaba por não surtir efeito (Ficker, 1988: 198). Wittgenstein também tentou publicar o livro na Braunmüller, editora que publicara Weininger, mas sem sucesso (Engelmann, 1968: 18). O risco de publicação foi contornado somente com a introdução escrita por Russell, que não poupou esforços para ver o livro publicado.

Quando da negativa da editora Jahoda, de Kraus, Wittgenstein escreve para Paul Engelmann:

Eu gostaria muito de saber o que Kraus disse a respeito dele [meu trabalho, i.e., o *Tractatus*]. Se você tiver a oportunidade de saber a respeito, ficarei muito feliz. Talvez Loos saiba algo. (P. Engelmann, 1968: 14).

Essa carta, evidentemente, mostra o interesse de Wittgenstein por Kraus e a curiosidade a respeito de sua possível resposta ao *Tractatus*. De fato, como veremos, o próprio livro oferecia uma espécie de porta de entrada para o Círculo Kraus: a citação de Kürnberger como epígrafe.

15 *Der Brenner* sobrevivia com muitas dificuldades no pós-guerra e mesmo um autor como Ferdinand Ebner, cujo trabalho expressava diretamente o espírito da revista, tinha um patrocinador externo que garantia os riscos de publicação, como atestam cartas de Ficker a Ebner (Ficker, 1988: 183-4).

Ao lado de Nestroy (ver a epígrafe das *Investigações Filosóficas*), Kürnberger é o antecessor satírico mais relevante para Kraus. Ambos são críticos da modernidade, particularmente das ideias de ‘progresso’, ‘civilização’, ‘imprensa’ e ‘capital’, sendo ferrenhos críticos da hipocrisia usual de tipo europeu - ver Kraus (1906) e (1912).¹⁶ Kürnberger é republicado, citado e discutido – assim como Nestroy – em muitas ocasiões na *Die Fackel* e nas leituras públicas de Kraus, sendo chamado por ele de “o maior escritor político que a Áustria já teve” (1906: 5). A epígrafe é retirada de um dos textos de Kürnberger em *Literarischen Herzenssachen*, um livro muito apreciado por Kraus (Kraus, 1906: 6). Ela expressa também uma resposta a um apelo feito por Kraus: “Não há recordação (*Andenken*) de Ferdinand Kürnberger!” (1906: 6). O próprio Kraus, em 1909, presta homenagem aos trinta anos da morte de Kürnberger na *Fackel*. Assim, a epígrafe do *Tractatus* revela a indicação clara de uma posição cultural-política simpática ao ponto de vista geral de Kraus por meio de uma resposta a seu apelo direto pela memória de Kürnberger. Portanto, a curiosidade de Wittgenstein a respeito da opinião de Kraus sobre o livro apresentada na carta a Paul Engelmann não é mero detalhe. O interesse de Wittgenstein em ser lido, também no Círculo Kraus, é evidente.

Contudo, contrariamente ao que se poderia pensar a partir de Janik e Toulmin, as tentativas de publicação e a epígrafe não indicam que a chave de leitura do *Tractatus* seja uma espécie de agenda vienense secreta (mesmo porque nada há de secreto nos propósitos de Kraus). Pode-se presumir que Wittgenstein estaria interessado em saber o que Kraus, por exemplo, seria capaz de extrair do *Tractatus*, uma vez que certamente não compreenderia o assunto principal do livro, isto é, a lógica. Deve-se considerar que o *Tractatus* é, como diz Wittgenstein a Ficker, “um trabalho estritamente lógico e, ao mesmo tempo, literário, mas nele não se tagarela (*es wird nicht darin geschwefelt*)” (Ficker, 1988: 190). Presumivelmente, o Círculo Kraus poderia entender o caráter literário da obra e a relevância de não “tagarelar”. Talvez, mais profundamente, com a compreensão da lógica da linguagem, krausianos entenderiam também por que, segundo o *Tractatus*, não há propriamente resposta para problemas filosóficos e, assim, como é que aparentes respostas a essas perguntas redundam em tagarelice, o oposto do silêncio (volto a isso abaixo).

O ponto do austríaco Wittgenstein seria indicar que coisas por ele inventadas a partir de lições aprendidas em outras paragens teriam consequências para concepções de mundo discutidas em Viena. No campo de prisioneiros de Monte Casino, em 1919, Wittgenstein deixa seu amigo Hänsel, uma pessoa a par das questões ‘austríacas’, ler o *Tractatus*, que Wittgenstein chama, em paralelo com o título original (*Logisch-philosophische Abhandlung*) de *Logische Erledigung der Philosophie* (Execução lógica da Filosofia) – Hänsel, 2012: 45.¹⁷ Provavelmente porque Hänsel não compreendia a “paisagem lógica” do *Tractatus* e, para Wittgenstein, “tagalerava (*schwätze*) pensativamente na superfície” (Hänsel, 2012: 47), Wittgenstein começa a explicar a “nova lógica” e empresta sua recém-chegada cópia do livro que Russell acabara de publicar, *Introduction to Mathematical Philosophy* (Hänsel, 2012: 44, 60). Ou seja, mesmo que alguma compreensão daquilo que o *Tractatus* pretendia indicar poderia ocorrer no Círculo Kraus e afins, como no caso de Hänsel, esse círculo não compreenderia o *Tractatus* sem o conhecimento das obras de Russell e Frege. Portanto, o fato de Wittgenstein estar envolvido com questões “vienenses”, não indica que o *Tractatus* seja um livro que só possa ser compreendido a partir de uma chave vienense secreta, mas tão somente que a visão de mundo do livro, a partir de seu ponto de vista lógico, poderia *também* revelar certa concordância e crítica a aspectos deste contexto intelectual.

16 Sobre a relevância da crítica a essas ideias para Wittgenstein e sua conexão com Spengler, ver Engelmann (2016) e (2021b). A respeito de Kürnberger e Kraus, ver Kienzler (2013).

17 Ver Engelmann (2021a).

Independentemente de como o *Tractatus* opera ou deveria operar no contexto germânico e de que tipo de compreensão Wittgenstein esperava e poderia esperar de seus potenciais leitores “vienenses”, o fato realmente relevante é que, para ele, era importante indicar ao Círculo Kraus que sua *Sprachkritik*, assim como aquela de Russell, não tinha relação alguma com Mauthner (como veremos abaixo, um “tagarela” aos olhos do Círculo Kraus). Supor algum parentesco intelectual entre o *Tractatus*, Russell e Mauthner, devemos pensar, levaria a sérias distorções das estratégias, objetivos e argumentos do livro, particularmente em um meio que conhecia Mauthner, mas desconhecia os trabalhos de Frege e Russell. Para isso, como veremos, era importante indicar aos leitores germânicos que nem Wittgenstein, nem Russell tinham qualquer relação com a *Sprachkritik* sofisticada de Mauthner, mesmo porque, muito provavelmente, nenhuma das editoras no Círculo Kraus procuradas por Wittgenstein publicaria qualquer livro desse tipo. Vejamos o porquê.

3. WEININGER CONTRA MAUTHNER

Weininger, como vimos, era influência confessa de Wittgenstein, porém figurava também como referência no Círculo Kraus, mesmo que discordâncias em relação à sua obra fossem comuns (ver, por exemplo, Dallago 1913). Discordâncias revelam, na verdade, uma tentativa de acordo básico no Círculo Kraus a respeito de quem deveria ser considerado um pensador relevante no presente e no passado (uma filosofia a ser apropriada no Círculo). Além de Weininger ter escrito, aos olhos vienenses, obras de gênio em *Geschlecht und Charakter* e *Über die letzten Dinge*, representava o sentimento de desacordo com a moderna sociedade austríaca (de fato, de modo mais amplo, com a decadência da cultura ocidental moderna). Mesmo depois, na década de 1920, em *Der Untergang des Abendlandes*, Spengler afirmaria que a morte (suicídio) de Weininger em seu “esforço espiritual” era “um dos mais nobres espetáculos já apresentados por uma religiosidade tardia” (Spengler, 1923: 957), isto é, a religiosidade em uma civilização em declínio.

No Círculo Kraus, Weininger representava também um caso típico de como a imprensa livre moderna e a “opinião pública” confundem-se frequentemente com a livre difamação, um dos alvos favoritos de Kraus. Após seu suicídio em outubro de 1903, a polêmica a respeito de sua vida e obra toma o centro das discussões culturais de Viena e desenrola-se em *Die Fackel*, onde Kraus defende o legado de Weininger contra aqueles que queriam desqualificá-lo com diagnósticos clínicos.¹⁸ Era um caso típico do uso da ciência moderna com uma agenda eticamente duvidosa. Já em outubro de 1903, logo após seu suicídio, a polêmica em torno de Weininger toma os jornais vienenses, que o apresentam como um suicida mentalmente doente. A isso, o escritor Emil Lucka responde, no mesmo mês, em *Die Fackel*, que Weininger não se matara em um estado de confusão mental, mas com uma decisão pensada. Um excerto da obra póstuma de Weininger (*Über die letzten Dinge*, de 1904) é, então, publicado em *Die Fackel* ainda em outubro de 1903. Para Kraus, o caso Weininger era mais um dos inúmeros exemplos de como a imprensa distorce, mente e não consegue ir além de sua costumeira corrupta superficialidade (ver *Fackel*, 12 de dezembro de 1903).

A polêmica seguiu com o livro de Ferdinand Probst, *O Caso Weininger (Der Fall Weininger)*, um “estudo psiquiátrico” (1904: 5) no qual misturam-se fatos biográficos e uma leitura pouco

18 A primeira referência à obra de Weininger na *Die Fackel* ocorre em um texto curto de August Strindberg em outubro de 1903, logo após o suicídio de Weininger. Ficker, por sua vez, introduz obras de Kraus e Weininger a Dallago (Ficker, 1986: 44, 96). Dallago, então, reintroduz a obra de Weininger no *Der Brenner* em 1912.

caridosa de textos.¹⁹ Probst conclui que a obra de Weininger é uma coleção de contrassensos, na qual não teríamos um caso de em “fenômeno filosófico”, mas um fenômeno muito particular de “transtorno mental” (1904: 51-2). Probst chega ao ponto de sugerir que seria interessante investigar o tipo de mistura sanguínea que teria possibilitado a existência de uma figura como Weininger, repleta de características históricas e psicóticas (1904: 52-4). O “dualismo ético” de Weininger não seria, ao final, uma reformulação da moral kantiana, mas mera expressão de “dupla personalidade” (*Spaltung der Persönlichkeit*); sua conversão ao cristianismo, ocorrida antes da publicação de *Geschlecht und Charakter*, mero sinal dessa histeria (1904: 55). O caso ganha contornos mais dramáticos quando Leopold, o pai de Weininger, defende a memória do filho nas páginas da *Die Fackel*, em 1904. Para Kraus, que leu Weininger no dia seguinte da publicação de *Geschlecht und Charakter*, toda essa polêmica sugeria que pessoas como Probst tentavam “vestir o gênio com uma camisa de força” (1905: 22).²⁰

Particularmente interessante para meus objetivos neste artigo é o fato de Probst defender *Mauthner* de uma crítica que lhe fora dirigida por Weininger (Probst 1904: 46). A crítica mencionada por Probst aparece na seguinte passagem de *Geschlecht und Charakter*:

[...] De Bacon a Fritz Mauthner, todos os cabeças ocas (*Flachköpfe*) foram críticos da linguagem.

Contrariamente, o gênio é aquele que não critica a linguagem, mas criou-a e continua criando-a, como todas as outras obras do espírito, que são, em sentido estrito, a fundação da cultura, e formam o ‘espírito da cultura’ à medida que são cultura. (1903, 176-7).

Evidentemente, um crítico da linguagem como Mauthner, suposto “herdeiro” do empirismo de Bacon através da filosofia de Mach, não é um gênio. Antes, a crítica da linguagem, no sentido de Mauthner (e Bacon), contraria a genialidade. ‘Gênio’, de acordo com Weininger, é aquele que é capaz de criar uma visão de mundo (diferentemente de um talento, que é meramente habilidoso em alguma área do conhecimento). Goethe, Beethoven, Wagner e Cristo são os exemplos preferidos de genialidade de Weininger. O ‘crítico da linguagem’ Mauthner tinha como objetivo mostrar em seu *Beiträge zu einer Kritik der Sprache* (1901) que a linguagem não era um meio adequado para o conhecimento e que conhecer era, portanto, impossível. Isso Mauthner mostraria, é claro, com a linguagem. Essa é uma situação pouco confortável (talvez uma ideia de um *Flachkopf*). Contudo, o ponto da passagem acima é criticar a ideia segundo a qual a linguagem pode ser explicada simplesmente a partir da psicologia fundada em uma base sensorial, como visava Mauthner. De acordo com Weininger, essa abordagem elimina, entre outras coisas, o papel do caráter criativo, genial, dos indivíduos na criação cultural.

É claro que tendo Weininger como uma influência, Wittgenstein levaria a sério as afirmações sobre um “cabeça oca” como Mauthner e sua *Sprachkritik*. Seria, portanto, muito razoável indicar que sua ideia de crítica da linguagem tinha outro sentido, de modo a evitar mal-entendidos entre os leitores de Weininger (basicamente, todo o meio cultural vienense). Assim, o fato de Weininger utilizar Mauthner como um mau exemplo já seria suficiente para Wittgenstein mencioná-lo e negar qualquer proximidade.

19 Segundo Janik (2021: 114), o próprio pai de Weininger teria solicitado a Probst uma avaliação objetiva da situação mental de Weininger. Contudo, de acordo com Leopold, o pai de Weininger, em artigo publicado na *Die Fackel*, isso é falso (1904: 8).

20 Sobre quando Kraus leu Weininger, ver nota de rodapé ao texto de Leopold Weininger (1904). Não podemos ter certeza se Wittgenstein estava ciente de todos os detalhes mencionados. Contudo, algumas razões indicam que sim: Wittgenstein assume explicitamente, como vimos, que Kraus e Weininger eram influências e sua irmã, Gretl, como indica McGuinness (1988: 37), tinha a coleção completa da *Die Fackel*.

Contudo, a relevância de negar qualquer proximidade é mais ampla. Para elucidar isso, precisamos observar um novo contexto no Círculo Kraus, depois de 1910, quando Mauthner publica um novo longo livro de *Sprachkritik* intitulado *Wörterbuch der Philosophie* (1910) – alguns pontos defendidos no livro foram mencionados na seção 1. Para tanto, tratarei de explicitar mais tal contexto, dando ênfase a Ficker e seu grupo, pois é nesse meio que polêmicas com Mauthner ocorrem.

4. DER BRENNER (E KRAUS) CONTRA MAUTHNER

Pode-se dizer que, para os colaboradores da *Brenner*, Mauthner incorporava as figuras do ‘filisteu’ e do *Schmock*.²¹ Esses termos podem bem substituir ‘sofista’ no contexto vienense. Em *Die Fackel* e *Der Brenner* o ‘filisteu’ é um hipócrita que se arroga profundo conhecimento, mas meramente expressa em suas palavras a superficialidade da cultura moderna e sua falta de valores, particularmente a dupla moral de uma sociedade falsamente moralista. O *Schmock* é, mais especificamente, o jornalista filisteu, que trabalha no mais eficaz mecanismo moderno de disseminação da falta de caráter, a imprensa.²² De acordo com Dallago, Kraus é o “antifilisteu” (1912: 540). De modo geral, o ‘filisteu’ é também o adversário de Loos, Ficker, Dallago, Haecker etc., e supõe-se que a mesma figura já era o alvo de supostos eminentes “predecessores” em outros contextos, alguns particularmente relevantes para Wittgenstein: Dostoiévski, Tolstói, Kierkegaard, Nestroy, Kürnberger etc. Nas palavras de Haecker, Mauthner seria “um tipo ativo e talentoso, mas sem espírito, sem interioridade e sem decência (*verecundia*)” (1913: 28).

No círculo da *Der Brenner*, o nome de Mauthner aparece em duas polêmicas que ocorrem entre 1913 e janeiro de 1915, precisamente à época em que Wittgenstein conheceu Ficker pessoalmente e certamente lia a revista que ajudou a financiar. A menor das duas polêmicas dizia respeito à *Biblioteca dos Filósofos*, uma coleção de livros editada por Fritz Mauthner a partir de 1912, na qual publicavam-se textos mais ou menos clássicos e mais ou menos disponíveis, por exemplo, cartas de Kant, a disputa Jacobi-Spinoza, a primeira edição de 1819 do *Mundo como Vontade e Representação* de Schopenhauer e a polêmica sobre ateísmo de Fichte. Dallago considerava a coleção de pouco valor por discordar de seus objetivos e das escolhas de títulos publicados. Apresentou seu ponto de vista em discussão com Scheller, resenhista da coleção na *Der Brenner*, depois que este escrevera que a coleção era importante porque mostrava como filósofos tentavam responder a questões filosóficas ao longo da história. Segundo Dallago, contudo, “grandes filósofos chegam a grandes questões, mas não a respostas”; apenas “sociólogos e filisteus” teriam respostas (1914: 466). Scheller responde que Dallago distorce aquilo que escrevera, uma vez que tira as palavras do contexto, sem observar premissas e aquilo que delas se segue. Argumenta que dissera somente que filósofos procuram dar respostas em um “esforço para alcançar o inalcançável” (Scheller, 1914: 560).

Disso tudo, parece-me, pode-se concluir que a discussão entre ambos não era muito clara, mas também pode-se indicar como o *Tractatus* poderia ser inserido em certos debates vienenses. É claro que aqui o autor do *Tractatus* poderia dizer a Scheller que “alcançar o inalcançável” é simplesmente um contrassenso; a Dallago, por sua vez, que grandes filósofos chegam a grandes questões porque não compreendem a “lógica de nossa linguagem” (TLP, prefácio). Do ponto de vista do *Tractatus*, ambos tagarelavam – volto a este ponto abaixo.

21 Dallago (1910) apresenta um exemplo de filisteu em sua resenha crítica de um livro sobre Nietzsche, onde o autor arrogantemente quer se mostrar superior a Nietzsche, mas é meramente arrogante, sem autenticidade e indecente. Essa suposta arrogância é atribuída por Haecker a Mauthner, como veremos abaixo. De acordo com Ficker, Dallago era “o sustentáculo”, o “fundamento literário” da *Der Brenner* (Ficker, 1986: 43).

22 Sobre Kraus e a imprensa, ver Bouveresse (2001) e (2007).

De qualquer modo, o tom de Dallago na sua polêmica com Scheller nos remete a algo escrito por Theodor Haecker um ano antes.²³ Haecker observara ironicamente em seu livro *Sören Kierkegaard e a Filosofia da Interioridade (Sören Kierkegaard und die Philosophie der Innerlichkeit)*, de 1913, que talvez Kierkegaard viria a ser também publicado na *Biblioteca dos Filósofos*, com uma introdução de Mauthner, como uma espécie de curiosidade (Haecker, 1913: 62, nota 1). O que estava em questão, para Haecker, era a apropriação do gênio de clássicos, ou seja, como compreendê-los e onde posicioná-los em relação ao debate contemporâneo.²⁴ A apropriação feita por jornalistas como Mauthner seria indevida, e também indecente, pois transformaria Kierkegaard em uma mera curiosidade contemporânea, de sorte que sua seriedade seria reduzida à superficialidade jornalística. É no livro de Haecker que encontramos outras duas referências interessantes a Mauthner. Primeiro, refere-se a Mauthner como mais um dos filisteus modernos que estão sob o ataque kierkegaardiano em seu livro:

Nossa época sabe de aproximadamente tudo, portanto também aquilo que é correto. Ela sabe que a experiência é a fonte do conhecimento, mas então divaga e torna-se abstrata. Sobre aquilo que é religioso e cristão, por exemplo, deve decidir a experiência dos químicos, físicos, psicólogos, psicanalistas, críticos da linguagem (*Sprachkritiker*), jornalistas, diretores de banco, milionários, e assim por diante, mas de forma alguma a experiência de, por exemplo, um apóstolo, de um Agostinho ou de um Pascal (Haecker, 1913: 20).

A *Sprachkritik* aparece, aqui, como parte da tendência moderna de colocar seus variados personagens (de cientistas a jornalistas e banqueiros) como arrogantes autoridades em matérias de religião, quando se trata de mostrar que a religião foi ou deve ser superada como uma superstição antiga. Assim, em lugar de considerar autoridades aqueles que de fato tinham uma postura religiosa autêntica, “nosso tempo” atribui “experiência” àqueles que nada teriam a dizer a respeito, como Mauthner e os milionários. Por um lado, a ‘experiência’ é vista como ponto central de arbitragem concreta do conhecimento. De outro, torna-se ‘abstrata’ por desconsiderar a vivência religiosa quando o assunto é religião, sendo qualquer opinião tomada como mais relevante que os pensamentos dos clássicos em matérias religiosas. A referência à experiência, na passagem, indica particularmente filósofos “empiristas” como Mauthner. Ele recebe nova menção, desta vez específica e direta, na seguinte passagem:

Nós temos hoje um crítico da linguagem e se quisermos, por curiosidade, conhecer, pelos seus frutos, a presunção da nossa época; se quisermos ver a mais bizarra mistura (*Mischmasch*) que a tagarelice (*Geschwätz*)²⁵ de uma fomentada falta de vida interior coloca sobre a mesa, com a mentira de que seria um grande e vivaz pensamento, então abrimos, em qualquer parte, uma das obras de crítica da linguagem de Fritz Mauthner. [...] Esse cético diz mais do que o mais ingênuo metafísico jamais soube; esse crítico da linguagem nunca fica sem palavras diante do inexpressável (*vor dem Unaussprechlichen*),

23 No que se segue, tratarei da polêmica Haecker-Mauthner sem considerar um de seus aspectos: a defesa da filosofia de Bergson por parte de seu admirador Haecker.

24 Trata-se de uma época em que muitos reconhecem em obras literárias e filosóficas de gênio importância determinante em questões sobre como lidar com problemas contemporâneos. O tópico da apropriação dos clássicos é central em Kraus, que encontrava predecessores em Nestroy e Kürnberger, em Weininger, que interpretava Ibsen como defensor da lei moral cristã-kantiana, e Haecker, que procurava resgatar em Kierkegaard o cristianismo como modelo ético crítico. A ideia de ‘apropriação’ parece-me fundamental na compreensão do ambiente cultural em que foi escrito o *Tractatus*, pois envolve nomes como Tolstói e Dostoiévski. A meu ver, a apropriação de clássicos no Círculo Kraus é, de modo geral, justificada, mas esse é um tópico fascinante, extenso e complexo que não posso desenvolver aqui.

25 O termo é empregado sistematicamente por Haecker em seus escritos. Isso é relevante, pois o mesmo ou sinônimos são utilizados por Wittgenstein em algumas ocasiões. Esse é o caso de *schweefeln*, por exemplo, em cartas a Ficker, que significa, em alemão informal austríaco, falar confusamente, tagarelar.

ele o profere: “O cristianismo de Agostinho foi um empréstimo que ele introduziu através de felizes traduções de palavras emprestadas” (1913: 28-9).

Frente ao texto de Haecker, o uso de “cabeça oca” de Weininger para se dirigir a Mauthner é um xingamento suave. A aparente citação no final da passagem, creio, não se encontra nos escritos de Mauthner. É, antes, a expressão irônica e resumida de uma ideia que ele apresenta na parte VII do vocábulo “Cristandade” no *Dicionário de Filosofia* (Mauthner, 1910: 131-5), no qual Mauthner pretende aprofundar sua *Sprachkritik* a partir da avaliação crítica de conceitos presentes na história da filosofia. Lá, Mauthner aplica sua explicação geral da transferência parcial do significado das palavras traduzidas em culturas ou gerações diversas.

A menção a *dizer o inexpressável* em Haecker é derivada do uso presunçoso de uma expressão sinônima por parte de Mauthner. Ele afirma, por exemplo, que Goethe, um “crítico da linguagem intuitivo”, não defendera já uma de suas teses, porque sua “natureza feliz” o impediu de “dizer o indizível (*das Unsagbare zu sagen*)”, a saber, a “ousada” tese do próprio Mauthner: toda a linguagem é uma falsificação metafórica (Mauthner, 1901: 137). Pode-se pensar, é claro, que um dos resultados do *Tractatus* seria mostrar que pessoas como Mauthner deveriam ficar, de fato, sem palavras diante do indizível, isto é, deveriam silenciar em vez de tagarelar.

A polêmica toma novas proporções quando Franz Blei (1914) publica uma resenha do livro de Haecker na revista cultural alemã *Die Weissen Blätter*. Blei era um dos alvos incidentais no livro de Haecker (1913), em um comentário sobre traduções de obras de Claudel. Haecker escrevera que “os pensamentos deste francês [Claudel] já são suspeitos pelo simples fato de sua obra ter sido introduzida na Alemanha por Franz Blei” (1913: 38, nota 1). Em sua resenha, em resposta Blei critica o dogmatismo de Haecker em seu livro, opõe-se aos seus “xingamentos” a, por exemplo, *Mauthner*, e diz que Haecker, em sua postura de “descobridor esnobe” de Kierkegaard, desconsidera o fato de ele próprio, Blei, já ter lido o autor em sua juventude, particularmente *Ou Isso, Ou Aquilo*.

Haecker responde proporcionalmente a Blei, sendo que parte de sua resposta aparece na *Die Fackel* com a aprovação de Kraus em 28 de março de 1914, páginas 19-21.²⁶ Para Haecker, a questão era “Quem pode legitimamente apropriar-se de Kierkegaard?”. Em sua resenha, Blei pouco teria tratado do tema principal do livro: a profunda religiosidade de Kierkegaard em contraste com a superficialidade do mundo moderno. Em lugar de fazê-lo, preferira focar em um tema secundário, a saber, o próprio Blei. Segundo Haecker, o Kierkegaard que apreenderíamos por intermédio de Blei seria uma “sopa aguada berlinense” e, ao final, precisaríamos concluir que “aquilo que *Mauthner* tinha em mente e queria dizer era o mesmo que Kierkegaard” (Haecker 1914: 457-8; minha ênfase). Neste ponto, Haecker tem em mente uma tendência em Mauthner, já indicada acima, a saber, o hábito de encontrar gênios predecessores que poderiam ter chegado eles próprios à *Sprachkritik*, não fosse alguma limitação que os impedia de “dizer o inexpressável”, isto é, a tese do próprio Mauthner. Kant, por exemplo, caso tivesse pensado em juízos sintéticos a priori de tipo estético já na sua *Crítica da Razão Pura*, poderia ele próprio ter enunciado a crítica da linguagem mauthneriana (ver, por exemplo, Mauthner, 1901: 33). Goethe, diz Mauthner, caso não fosse “completamente poeta” e tivesse observado a “psicologia de Locke e a visão de mundo de Kant”, teria então chegado “à nossa representação de que a linguagem

26 Essa aprovação é confirmada no número de julho da *Fackel*, onde Kraus reconhece em Haecker um aliado: “Theodor Haecker é o único homem na Alemanha que encontra coragem polêmica e expressão polêmica sem ter a necessidade de esconder-me como fonte de estilo e concepção, como faz a horda de histéricos literários...” (1914: 57). Deve-se destacar que Kraus então cita parte do prefácio à tradução de Haecker de *Estaca na Carne*, de Kierkegaard, onde o nome de Mauthner aparece uma vez mais como um dos adversários da honestidade.

é metafórica” (1901: 116). Assim percebe-se que, em meio à tagarelice de Blei e Mauthner, toda a profundidade religiosa de Kierkegaard seria vista como precursora de Mauthner, como mais um produto da superficialidade da indústria jornalística, a “sopa aguada”. Segundo Haecker, o fato de Blei ter lido Kierkegaard, por si só, seria antes uma confissão de culpa, pois tal leitura em nada teria promovido seu crescimento espiritual. Com a interpretação modernizante de Kierkegaard, afirmava Haecker, a disjunção exclusiva *Ou Isso, Ou Aquilo* (*Entweder – Oder*), transformar-se-ia em uma cópula, um “Tanto Isso, Quanto Aquilo” (*Sowohl, Als Auch*), em um “casal tolerável” (1914: 461).

Haecker volta ao ataque à leitura jornalística de Kierkegaard e a Mauthner em artigo publicado no primeiro e último número da *Der Brenner* em 1915. (Assim como Wittgenstein, Ficker lutou na guerra e, por essa razão, a revista só voltou a ser publicada no final de 1919.) O tópico do artigo era a postura equivocada, inconsequente e inconsistente da imprensa alemã-austriaca, a “líder do espírito” germânico, na guerra. Na “líder do espírito”, dizia Haecker, temos um “estado de espírito no qual se tagarela (*schwätzen*), tagarela, tagarela, e nunca se pensa” (1915: 131), uma “unidade no contrassenso (*Unsinn*)” (1915: 132). O “livre pensador Mauthner” e a imprensa em geral teriam elaborado uma “nova ética”, cujo princípio seria “A depender, você deve” (1915: 144). No caso de Mauthner, Haecker ilustra o ponto a partir da variação de suas posturas quanto à guerra entre patriotismo, cosmopolitismo e ceticismo “a depender da conjuntura” (1915: 144). Essas variações, que ocorrem em um período de poucos meses, são indicadas por Haecker através de citações em seu artigo. A volatilidade das ideias de Mauthner caminha lado a lado com sua *Sprachkritik*, que funciona da seguinte maneira:

Ele [Mauthner] encontra o instrumental da lógica formal e ocupa-se como um macaco com martelo e tesoura... (Haecker, 1915: 153).

Temos, então, em *Der Brenner*, a ideia de que Mauthner é mais um dos membros indecentes da imprensa, com a particularidade de utilizar inadequadamente o instrumental “lógico” na sua *Sprachkritik*. Sendo assim, podemos dizer que um leitor e patrocinador da *Der Brenner*, como Wittgenstein à época, tomaria a devida distância de uma *Sprachkritik no sentido* de Mauthner. Alguém que quisesse ser lido – e até mesmo publicado – no Círculo Kraus precisaria deixar claro que apresentava uma *Sprachkritik* em outro sentido (TLP 4.0031), particularmente porque, aos olhos do Círculo, Mauthner se utilizava da “lógica formal”.

5. DESMISTIFICAÇÃO DA CARTA A FICKER

A partir dos resultados deste artigo, podemos também supor que um ponto relevante da famosa carta de Wittgenstein a Ficker era sugerir que o propósito do *Tractatus* seria parar com a tagarelice de pessoas como Mauthner. Como dizia Haecker, “se alguém hoje [...] precisa se calar, então o Sr. Mauthner” (1915: 151). Aqui, contudo, seria prudente pensar que, possivelmente, aos olhos de Wittgenstein, havia tagarelice também no próprio Círculo Kraus (por exemplo, em Dallago, conforme indicação acima).

De qualquer modo, duas das palavras mais usadas por Haecker em seus textos são derivadas de suas traduções de Kierkegaard: *schwätzen* (tagarelar) e *schweigen* (silenciar). De acordo com a tradução do próprio Haecker, Kierkegaard ensina o seguinte em *Crítica da Contemporaneidade*:

O que é isso, tagarelar? É a revogação da apaixonada disjunção entre silenciar e falar. Apenas aquele que pode silenciar substancialmente pode falar substancialmente. Manter-se em silêncio (*Verschwiegenheit*) é interioridade. (Kierkegaard 1914c: 870).

A “nossa época” para Kierkegaard e Haecker (e Kraus, e Ficker, e Loos, e Wittgenstein) seria uma época da tagarelice, uma tagarelice que esconde um imenso vazio. A partir dessa constatação, Kierkegaard apresenta “a lei da produção da escrita” com base no saber silenciar. O texto *Crítica da Contemporaneidade (Kritik der Gegenwart)* de Kierkegaard citado acima foi publicado na Brenner em 1914 e mencionado por Kraus no mesmo ano, em um de seus embates com os jornalistas adversários (Kraus, 1914).

A princípio, Ficker poderia entender, então, por que Wittgenstein falava em não tagarelar em sua famosa carta. Poderia também entender que Mauthner seria um daqueles que, possivelmente, deveria se calar. Isso tudo, é claro, ainda não nos mostra quem mais deveria silenciar, tampouco mostra as razões que o *Tractatus* poderia apresentar para tal fim. Há uma enorme distância entre uma tentativa de calar arbitrária – por exemplo, aquela da *Neue Freie Presse* contra Kraus - e uma bem argumentada. Talvez entender como o *Tractatus* resolve (ou não) os problemas da filosofia *no essencial*, como indica Wittgenstein no prefácio do livro, seja o caminho a seguir. Isso se expressa na parte mais vienense do *Tractatus*, a epígrafe: “... e tudo que se sabe, e não se ouviu como mero rumor e ruído, pode-se dizer em três palavras” (Kurnberger).²⁷

Referências

- Blei, F. (1914) Sören Kierkegaard und die Philosophie der Innerlichkeit. Von Theodor Haecker, München D. F. Scheiber. *Die weissen Blätter*, Heft 5, Januar 1914, Feststellungen: 92-94.
- Bouveresse, J. (2001) *Schmock ou le Triomphe du Journalisme*. Paris : Éditions du Seuil.
- _____, (2007) *Satire & Prophétie : Le Voix de Karl Kraus*. Marseille : Agone.
- Carnap, R. ([1929] 2004) Von Gott und Seele. Scheinfrage in Metaphysik und Theologie. Em *Scheinprobleme in der Philosophie und andere metaphysikkritische Schriften*. Hamburg : Felix Meiner.
- Dallago, C. (1910) Nietzsche und – der Philister. *Der Brenner*, Heft 2, 15.06. 1910 : 25-30 e Heft 3, 01.07.1910 : 49-
- _____, (1912) Philister. *Der Brenner*, Heft XX e Heft 16, 15.01.1912 : 535-542.
- _____, (1912) Otto Weininger und sein Werk. *Der Brenner*, Heft 1, 01.10.1912 : 1-17.
- _____, (1914) Kleine Sämmereien. *Der Brenner*, Heft 10, 15.02.1914; 465-
- Engelmann, M. L. (2013) *Wittgenstein's Philosophical Development: Phenomenology, Grammar, Method, and the Anthropological Perspective*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- _____, (2016) The Faces of Necessity, Perspicuous Representation, and the Irreligious “Cult of the Useful”: The Spenglerian Background of the First Set of Remarks on Frazer. In L. Albinus and J. Rothhaupt, eds., *Wittgenstein's Remarks on Frazer: The Text and the Matter*. Berlin: De Gruyter, pp. 129-174.
- _____, (2018a) What Does it Take to Climb the Ladder? (A Sideways Approach). *Kriterion* Vol 59, N 140: 591-613.
- _____, (2018b) Phenomenology in Grammar: Explication-verificationsm, Arbitrariness, and the Vienna Circle. In O. Kuusela, M. Ometita, and T. Ucan, eds., *Wittgenstein and Phenomenology*. London: Routledge, pp. 22-46.
- _____, (2018c) Instructions for Climbing the Ladder (The Minimalism of the *Tractatus*). *Philosophical Investigations* 41-4: 446-470.
- _____, (2021a) *Reading Wittgenstein's Tractatus*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____, (2021b) La articulación de aspectos de un “punto de vista religioso” en Wittgenstein y la crítica del

27 Uma leitura minimalista do *Tractatus* encontra-se em Engelmann (2021a). Alguns pontos dessa leitura aparecem em Engelmann (2018a) e (2018c).

“culto de la utilidad” de la Modernidad (de Spengler a Frazer, por medio de Keynes, Kierkegaard, Hänsel, Tolstoi y Dostoievski). In: Velasco, F. S; Maza, N. A. R; Almanza, K. M. C.. (Org.). *Perspectivas Wittgensteinianas. Lenguaje, Significado y Acción*. México: Tirant lo Blanche, pp. 305-354.

_____. (2022) O Kierkegaard Krausiano de Wittgenstein à Época do *Tractatus*. Em *TLP 100: Revisitando a Obra de Wittgenstein*, D. Dall’Agnol, L. Peruzzo Júnior e J. Sattler (eds.). PUCPRESS: 265-282.

Engelmann, P. (1967) *Letters from Ludwig Wittgenstein with a Memoir*. B. McGuinness, ed., L. Furtmuller, tr. New York: Horizon Press.

Ficker, L. (1914) *Rundfrage über Karl Kraus*. Innsbruck: Brenner-Verlag.

_____. (1986) *Ludwig von Ficker Briefwechsel 1909-1914*. I. Zangerle et al, eds. Salzburg: Otto Müller Verlag.

_____. (1988) *Ludwig von Ficker Briefwechsel 1914-1925*. I. Zangerle et al, eds. Salzburg: Haymon Verlag.

Haecker, T. (1913) *Sören Kierkegaard und die Philosophie der Innerlichkeit*. München: D. F. Scheiber.

_____. (1914) F. Blei und Kierkegaard. *Der Brenner*, Heft 10, 15.02.1914: 457-465.

_____. (1915) Der Krieg und die Führer des Geistes (Auszüge aus einem demnächst erscheinenden Buch). *Der Brenner*, Heft 0, 1915: 131-187.

Haller, R. (1988) Philosophy and the Critique of Language: Wittgenstein and Mauthner. In Haller *Questions on Wittgenstein*: 57-73. Lincoln: University of Nebraska Press.

Hänsel, L. (2012) *Begegnungen mit Wittgenstein – Ludwig Hänsels Tagebücher 1918-1919 und 1921-1922*. I. Somavilla, (ed.). Wien: Haymon Verlag.

Hyman, J. (2016) The Urn and the Chamber Pot. In S. S. Greve and J. Macha *Wittgenstein and the Creativity of Language*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Janik, A. (1985) *Essays on Wittgenstein and Weininger*. Kindle Edition, 2011. Amsterdã: Rodopi.

_____. (2017) *Wittgenstein’s Vienna Revisited*. Londres: Routledge.

_____. (2021) *Hitler’s Favorite Jew: The Enigma of Otto Weininger*. New York: Simply Charly.

Janik, A. and Toulmin, S. (1973) *Wittgenstein’s Vienna*. New York: Touchstone.

Kienzler, W. (2013) Wittgenstein Reads Kürnberger. In S. Bru, W. Huemer e D. Steuer (eds.) *Reading Wittgenstein*. Berlin: De Gruyter; 335-354.

Kierkegaard, S. (1914a) Vorworte. Haecker, T. tradução e prefácio. Em *Der Brenner*, Heft 14, 01 de Maio de 1914: 666-683.

_____. (1914b) Der Pfahl im Fleisch. Haecker, T., tradução e prefácio. Em *Der Brenner* Heft 16, 15 de Maio de 1914: 691-697.

_____. (1914c) Kritik der Gegenwart. Haecker, T., tradução e posfácio. *Der Brenner* Heft 19, de 01 de Julho de 1914 e Heft 20, de 15 de Julho de 1914: 815-849; 869-908.

Klagge, J. (2022) *Tractatus in Context: The Essential Background for Appreciating Wittgenstein’s Tractatus Logico-philosophicus*. New York: Routledge.

Kraus, K. (1899) Österreichische Politik. *Die Fackel*, Heft 17.09.1899: 6-12.

_____. (1905) Antworten des Herausgebers. *Die Fackel*, Heft 176, 28.02.1905: 20-24.

_____. (1906) Aus dem dunkelsten Österreich. *Die Fackel*, Heft 214-5, 22.12.1906: 1-6.

_____. (1912) Nestroy und die Nachwelt. *Die Fackel*, Heft 349-350, 13.05.1912: 1-23.

_____. (1913) Nachts. *Die Fackel*, Heft 389-390, 15.12.1913: 28-44.

_____. (1914) Notizen. *Die Fackel*, Heft 400-403, 10.07.1914: 41-60.

Kürnberger, F. (1877) *Literarische Herzenssachen (Reflexionen und Kritiken)*. Viena: Verlag von Rosner.

Loos, A. (1913a) Regel für den, der in den Bergen baut. *Der Brenner*, Heft 1, 1.10.1913: 40-1.

_____. (1913b) Keramik. *Der Brenner*, Heft 5, 1.12.1913: 224-230.

Mauthner, F. (1901-3) *Beiträge zu Einer Kritik der Sprache I-III*. Stuttgart: J.G. Cotta.

- _____. (1906) *Die Sprache*. Frankfurt: Ruetten & Loening.
- _____. (1910) *Wörterbuch der Philosophie I-II*. Munique: Georg Müller.
- McGuinness, B. (1988) *Wittgenstein A Life: Young Ludwig 1889-1921*. Berkeley: The University of California Press.
- Nordman, A. (2005) *Wittgenstein's Tractatus: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pinto, P. R. M. (1998) *Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Loyola.
- Pisano, L. (2016) Misunderstanding Metaphors: Linguistic Skepticism in Mauthner's Philosophy. In Bill Rebigier (ed.), *Yearbook of Maiomonides Centre for Advanced Studies*. De Gruyter. pp. 95-122.
- Probst, F. (1904) *Der Fall Otto Weininger. Eine Psychiatrische Studie*. Wiesbaden: Verlag von J. F. Bergmann.
- Scheller, W. (1913) Die Bibliothek der Philosophen. *Der Brenner*, Heft 6, 15.12.1913; 286-290.
- _____. (1914a) Nochmals Die Bibliothek der Philosophen. *Der Brenner*, Heft 12, 15.03.1914 : 560-2.
- _____. (1914b) Ein Schlusswort. *Der Brenner*, Heft 14, 01.05.1914: 690-2.
- Schorske, C. E. (1981) *Fin-de-Siècle Vienna : Politics and Culture*. New York: Vintage Books.
- Silva, J. F. (2014) Karl Kraus e o Sentido Ético do Tractatus. *Ethic@*, v. 13, n.2: 386-404.
- Sluga, H. (2004) Wittgenstein and Pyrrhonism. In Sinnott-Armstrong (ed.) *Pyrrhonian Skepticism*. Oxford: Oxford university Press.
- Spengler, O. ([1923] 2003) *Der Untergang des Abendlandes*. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Weininger, O. (1903) *Geschlecht und Charakter: Eine Prinzipielle Untersuchung*. Viena: Braumüller.
- _____. ([1904] 1907) Über die letzten Dinge. Viena: Braumüller.
- Weininger, L. (1904) Der Fall Otto Weininger (Erklärung und Berichtigung). *Die Fackel*, Heft 169, 14.11.1904: 6-14.
- Wijdeveld, P. (2000) *Ludwig Wittgenstein Architekt*. Segunda edição. The Pepin Press.
- Wittgenstein, L. (1994) *Tractatus Logico-philosophicus*. Segunda Edição. L. H. Lopes dos Santos (tr.). Edusp.
- _____. (1984) *Culture and Value*. Von Wright, G. H., (ed.) e Winch, P. (tr.). Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. (2018) *Wittgenstein's Family Letters*. B. McGuinness (ed.) e P. Winslow (tr.). Londres: Bloomsbury.

Resumo

Argumento que precisamos mudar de perspectiva na elucidação da referência a Mauthner no Tractatus. A pergunta a ser feita não é "Quais são as semelhanças ou diferenças entre os projetos de Mauthner e do Tractatus?", mas "Por que Wittgenstein se deu ao trabalho de negar que sua Sprachkritik poderia ter alguma relação com Mauthner?". A significatividade da negação em "não no sentido de Mauthner" (TLP 4.0031) não se encontra em um problema comum para o qual Mauthner e Wittgenstein teriam suas respostas, como pensavam Janik e Toulmin, mas no fato da Sprachkritik de Mauthner figurar, dentro do Círculo Kraus, como expressão da superficialidade moral da Europa no início do século XX.

Abstract

The paper argues that we need to change our perspective to elucidate the reference to Mauthner in the Tractatus. The question is not "What are the similarities or major differences between Mauthner's views and the Tractatus?" but "Why did Wittgenstein bother to deny that his Sprachkritik could have anything to do with Mauthner's?" The significance of the negation in "not in Mauthner's sense" (TLP 4.0031) is not found in a common problem to which Mauthner and Wittgenstein had different answers, as Janik and Toulmin thought, but in the fact that Mauthner's Sprachkritik is seen within the Kraus Circle as an expression of the moral superficiality of European culture at the beginning of the 20th century.